



Trabalhos Científicos

Título: Cinco Anos De Hanseníase Pediátrica Na Bahia: Perfil Epidemiológico E Clínico Entre 2020 E 2024

Autores: MARIA KAROLINA VELAME SOUZA SANTOS (UFBA), CAROLINA DE OLIVEIRA ROSA VILLALVA (UNIFACS), BÁRBARA SIMONE DAVID FERREIRA (ZARNS E UNIDOM), MARIA EDUARDA COVA TRINCHÃO (UNIFACS), LUIZA VIEIRA LUEDY TRINDADE (UFBA)

Resumo: A hanseníase (DH), causada pelo *Mycobacterium leprae*, ainda representa um importante problema de saúde pública no Brasil, que permanece entre os países com maior carga da doença no mundo, sendo que a Bahia (Ba) se destaca pelo número expressivo de notificações. Quando acomete crianças e adolescentes, a DH pode gerar repercussões significativas na saúde física, emocional e social, tornando essencial o diagnóstico e tratamento precoces para a prevenção de incapacidades e interrupção da cadeia de transmissão. Analisar os dados epidemiológicos da DH na população pediátrica da Ba, estabelecendo as formas mais comuns de apresentação clínica no estado. Trata-se de um estudo transversal, retrospectivo e descritivo, baseado na análise de dados secundários obtidos do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), por meio da plataforma DATASUS. Foram incluídos todos os casos confirmados de DH em pacientes de 0-19 anos, registrados na Ba entre os anos de 2020 e 2024. As variáveis analisadas incluíram município de notificação, sexo, faixa etária, raça/cor, forma clínica, número de lesões cutâneas e esquema terapêutico utilizado. Os dados foram extraídos em formato bruto e organizados em planilhas no Microsoft Excel® 2024 para tabulação e cálculo de frequências absolutas e relativas. Entre 2020 e 2024, a Ba registrou 10.308, 7,7%, dos 134.057 casos de DH no Brasil, sendo 671, 6,5%, de casos pediátricos. Houve discreto predomínio masculino, 51,1%, e maior acometimento em pardos, 59,8%, seguidos de pretos, 23,1%. A adolescência foi a faixa pediátrica mais afetada, 15 a 19 anos, 53,6%, e 10 a 14 anos, 29,5%, sendo os menores de 10 anos 16,8% dos casos. A forma multibacilar foi predominante, 63,9%, com apresentação clínica mais frequente do tipo dimorfa, 33,6%, seguida de indeterminada, 20,6%, tuberculoide, 15,5%, e virchowiana, 13%. A maioria apresentava mais de cinco lesões, 32,5%, ou entre duas e cinco, 30,2%. Quanto ao tratamento, 62,1% usaram poliquimioterapia por 12 meses, 34,7% por 6 meses. Salvador concentrou o maior número de casos, 15,5%, com a distribuição caindo vertiginosamente entre os municípios, tendo Juazeiro e Porto Seguro, respectivamente, segundo e terceiro lugares. A presença de casos infantis de DH indica a persistência da cadeia de transmissão ativa. Além disso, mais de 70% dos casos novos diagnosticados na Ba apresentam a forma multibacilar, considerada mais grave e com maior transmissibilidade. Esses dados ressaltam a necessidade de estratégias eficazes de vigilância, diagnóstico precoce e tratamento adequado, especialmente entre crianças e adolescentes, para interromper a transmissão e prevenir incapacidades físicas. O papel do pediatra é fundamental, no tocante à possibilidade de DH no diagnóstico diferencial das lesões, não perdendo ou retardando diagnóstico e notificando os casos, pois normalmente é o primeiro a ser solicitado e deve estar capacitado a reconhecer a doença, principalmente nas áreas hiperendêmicas.